

Wesley dos Santos Lima

Doutor em Desenvolvimento Regional - UFT
 Pós-doutorando - UESB
 profdrwesleylima@gmail.com

Alex Pizzio da Silva

Doutor em Ciências Sociais - UNISINOS
 Professor Associado - UFT
 alexpizzio@gmail.com

DO PALÁCIO ARAGUAIA AO GIRASSOL: MONUMENTOS E MEMÓRIA POLÍTICA NA CAPITAL TOCANTINENSE

Resumo

Este artigo faz parte dos resultados obtidos durante minha pesquisa de doutoramento, defendida em 2025. O objetivo é analisar os monumentos de Palmas, com destaque para o Palácio Araguaia e suas frisas, descrevendo os principais edifícios monumentais construídos e aqueles posteriormente retirados, como o Monumento à Lua Crescente e as esferas douradas. Além disso, discute-se o papel dos símbolos, a exemplo do girassol, que se tornou um emblema político do primeiro governador e permanece cultivado nas áreas centrais da cidade até a atualidade. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza trabalho de campo, levantamento bibliográfico e observações diretas, incorporando ainda o método fenomenológico atrelado à semiótica. Os resultados das reflexões apontam que houve um sujeito político que orquestrou e idealizou essas edificações: José Wilson Siqueira Campos, primeiro governador do Estado do Tocantins, que comandou a gestão governamental por quatro mandatos ao longo dos 36 anos de criação territorial dessa região. Assim, observa-se que esses monumentos possuem um núcleo hegemônico, associado a uma narrativa oficial de valores políticos. Dessa forma, esses monumentos reproduzem a elite política dominante, Siqueira Campos e seu grupo, que utiliza essas representações simbólicas para consolidar sua imagem e seu nome na historiografia oficial do Estado e da capital.

Palavras-chave: memória, identidade, Palmas- TO, Siqueira Campos, monumentos.

FROM THE ARAGUAIA PALACE TO THE SUNFLOWER: MONUMENTS AND POLITICAL MEMORY IN THE TOCANTINS STATE CAPITAL

Abstract

This article presents part of the results obtained during my doctoral research, defended in 2025. Its aim is to analyze the monuments of Palmas, with emphasis on the Araguaia Palace and its friezes, describing the main monumental buildings constructed and those later removed, such as the Crescent Moon Monument and the golden spheres. In addition, it discusses the role of symbols, such as the sunflower, which became a political emblem of the first governor and continues to be cultivated in the city's central areas to this day. The research, of a qualitative nature, draws on fieldwork, bibliographic review, and direct observations, also incorporating the phenomenological method combined with semiotics. The findings indicate that there was a political subject who orchestrated and envisioned these constructions: José Wilson Siqueira Campos, the first governor of the State of Tocantins, who led the state government for four terms over the 36 years since the creation of the territory. Thus, it is observed that these monuments bear a hegemonic core, associated with an official narrative of political values. In this sense, they reproduce the dominant political elite, Siqueira Campos and his group, who employ these symbolic representations to consolidate their image and inscribe their name in the official historiography of the State and its capital.

Keywords: memory, identity, Palmas–TO, Siqueira Campos, monuments.

INTRODUÇÃO

A criação do Estado do Tocantins e de sua capital, Palmas, ocorreu após uma luta secular que visava fragmentar o antigo norte goiano, com o objetivo de constituí-lo como um estado independente. Foi somente em 1988 que, "por ocasião da aprovação, pela Assembleia Nacional Constituinte, da Constituição Federal, o estado do Tocantins realiza e vivência, desde então, a construção de sua história, visando [...], a demarcação de sua identidade" (FIRMINO, 2003, p. 33). Assim, o antigo norte do Estado de Goiás fragmenta-se e transforma-se no Estado do Tocantins, que foi instalado definitivamente em 1989, como a última unidade federativa criada no Brasil. Nessa empreitada histórica, diversos sujeitos políticos e membros da sociedade civil estiveram à frente desse processo. Contudo, a figura de José Wilson Siqueira Campos tornou-se a mais emblemática e reconhecida na luta pela autonomia e criação do Tocantins.

Siqueira Campos esteve à frente de três projetos para a criação do novo estado, sendo que dois deles foram vetados pelo então presidente José Sarney, em 3 de abril e 9 de dezembro de 1985, respectivamente (RODRIGUES, 2008). Tornou-se um dos principais articuladores da criação do Tocantins, especialmente por sua atuação na Assembleia Nacional Constituinte, responsável pela elaboração da nova Constituição, e por sua participação na Comissão Especial de Redivisão do Território Nacional. Nomeado relator da Subcomissão dos Estados, em 1987, Siqueira Campos obteve a primeira aprovação na Comissão de Sistematização, fruto da apresentação de uma emenda parlamentar — elaborada por ele e pelo deputado José Freire — que tinha como objetivo a criação do Estado do Tocantins.

Com isso, torna-se o primeiro governador do novo estado, exercendo mandato entre 1989 e 1991, em função do pleito criado para ocupação de um mandato-tampão de dois anos. Inicia-se, então, a discussão sobre a implantação da nova capital. Para isso, foi realizado um estudo de área que visava identificar se a capital poderia ser implantada em uma das cidades já existentes ou se haveria necessidade de criar uma cidade *ex nihilo*.

Assim, pontua-se que a escolha do centro geográfico do Estado para a construção da capital tocantinense foi uma iniciativa do primeiro governador José Wilson Siqueira Campos. Tido como o responsável por definir e ordenar a edificação dos primeiros edifícios públicos monumentais que sedariam os

poderes Executivo, Legislativo e Judiciário estaduais, bem como as secretarias do estado. Em 1988, Siqueira Campos já havia decidido sobre a localização da nova capital e, a partir disso, convidou o arquiteto Luiz Fernando Cruvinel para gerenciar a “Comissão Especial de Estudos da Nova Capital”. Cruvinel, por sua vez, associou-se ao arquiteto Walfredo Antunes Oliveira Filho para conduzir a comissão e planejar os próximos passos (Pastore, 2012).

Destaca-se que Siqueira Campos interveio no processo de escolha para a implantação da nova capital, justificando sua intervenção com base em uma visão estratégica da futura zona urbana, projetada na margem direita do rio Tocantins, aos pés da Serra do Lajeado e em frente à área alagada planejada da futura 'Represa do Lajeado', posteriormente denominada Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães.

Após a definição da área, deu-se início ao processo de construção da capital, sendo que, houve como prioridade a edificação dos primeiros edifícios públicos monumentais que abrigariam os poderes estaduais, a saber: o Palácio Araguaia (1990), renomeado para Palácio Araguaia Governador José Wilson Siqueira Campos em 2023¹, sede do Executivo estadual; o Palácio Feliciano Machado Braga (1990), sede do Judiciário estadual; o Palácio João D’Abreu (1990), sede do Legislativo estadual; e as secretarias do estado, sendo, portanto, as primeiras edificações monumentais da cidade.

Com o exposto, nesse texto, compreende-se por monumento “qualquer artefato edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações, pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças (Choay, 2014, p. 17), estes podem incluir “1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc.; [...] (Le Goff, 1990, p. 535)”. Assim, identificamos que o monumento pode ser caracterizado por diversas estruturas edificadas. Nesse aspecto, os principais edifícios públicos da cidade de Palmas são considerados edificações monumentais que moldam o espaço urbano

O estudo utiliza do método fenomenológico capaz de interpretar os signos e seus significados. Acerca da fenomenologia, destaca-se que se compreende por caracterizar todo e qualquer estudo que abarque os fenômenos. A

¹ A Lei nº 4.201/2023, que homenageia o ex-governador José Wilson Siqueira Campos ao mudar o nome do Palácio Araguaia para Palácio Araguaia Governador José Wilson Siqueira Campos, foi sancionada pelos 24 deputados estaduais e já entrou em vigor, conforme publicação no Diário Oficial do Estado em 20 de julho de 2023.

fenomenologia, está articulada à “noção de um fenômeno e a noção de experiência” (Cerbone, 2014, p. 13). Portanto, enquanto ciência dos fenômenos, na fenomenologia “o conhecimento provém da interface entre o que o mundo entrega ao sujeito e o que o sujeito entrega ao mundo, numa relação dialética, hermenêutica, intencional e intuitiva” (Marchi, 2015, p. 44). Nesse sentido, por estar associada ao método fenomenológico e à sua natureza empírica de percepção sensorial e intencional, vincula-se também a este estudo a semiótica. Desse modo, sua caracterização está voltada para o entendimento de todo tipo de linguagem, “verbal ou não-verbal, constituída de símbolos, sinais, elementos arquitetônicos” (Rocha, 2003, p. 29). Além disso, integra-se a pesquisa, estudo bibliográfico, pesquisa em campo e observações diretas.

O estudo traz novas contribuições reflexivas e empíricas aos debates já desenvolvidos por Lima e Bessa (2022), adotando outra perspectiva e optando por aprofundar a análise de forma mais detalhada sobre o Palácio Araguaia, suas frisas e os símbolos políticos, como o girassol. Além disso, aborda o silenciamento e a retirada de monumentos, como a Lua Crescente e o monumento às esferas douradas, destacando como a política governamental exerceu influência na instalação, manutenção, retirada e permanência desses monumentos, contribuindo para a consolidação da imagem da cidade e do político José Wilson Siqueira Campos.

Portanto, este artigo tem como objetivo descrever os principais edifícios monumentais da capital tocantinense, construindo um quadro temporal dessas edificações e analisando algumas delas em maior profundidade. Para isso, o estudo está dividido em quatro tópicos. No primeiro, descrevem-se os principais edifícios públicos monumentais da cidade, sua localização e o simbolismo associado a eles. No segundo, discute-se a relação entre a política locacional dos monumentos e a idealização do primeiro governador sobre esses edifícios monumentais. No terceiro, apresentam-se as modificações ocorridas na capital após o falecimento do ex-governador José Wilson Siqueira Campos e como isso afetou a alteração e a nomenclatura de algumas construções públicas. Por fim, no quarto, são feitas as considerações sobre o futuro da cidade e como esses monumentos foram projetados para perpetuar as ações governamentais de Siqueira Campos, relacionando os elementos simbólicos e ícones consagrados como elementos definidores de identidade territorial e política.

EDIFÍCIOS PÚBLICOS MONUMENTAIS DE PALMAS: O PALÁCIO ARAGUAIA JOSÉ WILSON SIQUEIRA CAMPOS

Após a criação do estado do Tocantins e com a decisão do planejamento de uma nova capital, a cidade de Miracema foi sede do governo de modo provisório. Esse cenário se modificou rapidamente quando a sede foi transferida para Palmas. Enquanto ocorria a construção dos edifícios governamentais, o governo necessitou de um local temporário para gerir o estado que acabara de se criar. Desse modo, o Museu Histórico do Tocantins, também denominado Museu Palacinho (Figura 1), foi o primeiro edifício monumental erguido na capital tocantinense, sendo a primeira estrutura governamental desta nova unidade federativa. Sua edificação ocorreu em 1989 e, entre 1990 e 1991, abrigou a sede do governo estadual, além da Casa Civil e da Casa Militar. Acerca deste primeiro edifício monumental, apresenta-se a narrativa do entrevistado 5 e a entrevistada 8, para quem essa forma simbólica representa, em certa medida, um elemento definidor da identidade cultural de Palmas.



Figura 1. Palmas. Museu Histórico do Tocantins – Palacinho.
Fonte: Museu Palacinho, 2021.
Acervo arquivo público da cidade de Palmas, TO.

Conforme Anjos (2017, p. 84), o Museu Palacinho:

[...] construído em 1989 e, devido à antecipação da transferência da Capital provisória para a definitiva, Palmas, fora adaptado para sediar a administração de governo até a conclusão das obras do Palácio Araguaia. Assim, de 1º de janeiro de 1990 a 9 de março de 1991, sediou a Casa Civil e C. Militar, as secretarias de Estado do Interior, da Comunicação e da Agricultura, além de residência oficial do governador. Em 1992, pela Lei nº 431, fora tombado e integrado ao Patrimônio Histórico e Cultural do Estado pelo Governo de Estado. Em 18 de março de 2002, fora

transformado em museu. Entre janeiro de 2009 e março de 2010 foi restaurado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. Uma curiosidade é que na Lei Estadual nº 431 de 28 de julho de 1992 há o tombamento de outros prédios que abrigaram provisoriamente os poderes Executivo, Judiciário e Legislativo, na cidade de Miracema, além do “barracão de palha” [Lei nº 431, de 28 de julho de 1992], no qual fora realizada a primeira reunião com o povoado do Canela para a construção de Palmas, mas esse último tombamento foi revogado pela Lei Estadual nº 1.171 de 02 de agosto de 2000.

É relevante mencionar que, além do Museu Histórico do Tocantins, há outros edifícios tombados na localidade de Palmas. Entre eles está a Casa Suçuapara, situada no Parque Cesarmar, com uma área construída de aproximadamente 219,64 m². Sua edificação precede a fundação de Palmas, remontando ao ano de 1987, quando foi concebida como sede da Fazenda Triângulo. O projeto arquitetônico foi idealizado por Jaime Batista Pereira para seu filho, Batista Pereira. O tombamento desse edifício ocorreu nos anos 2000 de modo provisório e em 2005 de forma definitiva, a partir do Decreto nº 67, de 16 de março de 2005 (Palmas, 2010). Atualmente, a Casa Suçuapara abriga um pequeno museu com exposição de imagens e objetos que remetem à construção da capital.

Ademais, após a conclusão dos edifícios oficiais e permanentes, a sede do Executivo estadual passou a ser o Palácio Araguaia Governador José Wilson Siqueira Campos (Figura 2), edifício monumental localizado na Praça dos Girassóis, junto com outras construções simbólicas do estado. É importante destacar que, no projeto da capital, elaborado pelo GrupoQuatro e coordenado pelos arquitetos Walfredo Antunes e Luiz Fernando Cruvinel, a previsão da sede do Executivo era situá-la no cruzamento das principais avenidas da cidade: a Avenida Teotônio Segurado e a Avenida Juscelino Kubitschek, que Reis (2011, p. 75) considerou como “eixos em forma de cruz”.



Figura 2. Palmas. Edifício Monumental do Palácio Araguaia Governador José Wilson Siqueira Campos. Fonte: Márcio Vieira/Secom. Acervo arquivo público da Secretaria de Comunicação do Estado do Tocantins.

Essas avenidas foram projetadas como parte essencial do sistema viário da capital. Inicialmente, no plano urbanístico, a Avenida Juscelino Kubitschek contornaria o Palácio Araguaia, mas essa configuração mudou em 1998, quando a Praça dos Girassóis passou por reformas que eliminaram a rotatória interna de circulação e, conseqüentemente, interromperam o cruzamento das avenidas Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek. Para Reis (2011, p. 139), a eliminação da rotatória elíptica de circulação da Avenida Teotônio Segurado “foi interrompida [...], pois o prédio estava muito próximo da movimentada avenida e esta conformação gerava vulnerabilidade e possibilitava reivindicações e manifestações públicas indesejadas” (Reis, 2011, p. 139) (Figura 3).

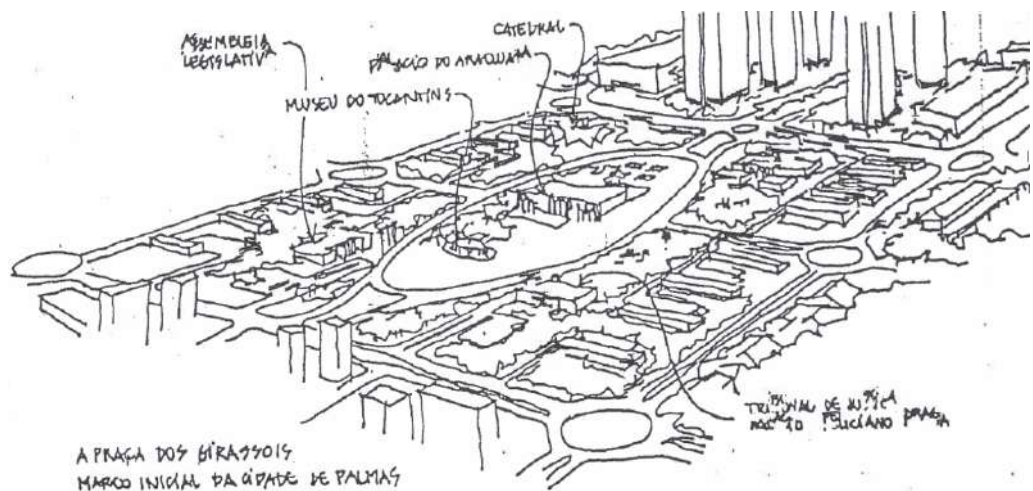


Figura 3. Palmas. construção do Palácio Araguaia no centro da rotatória elíptica, retirada em 1998.
Fonte: GrupoQuatro, 1989a.

Pode-se considerar que o edifício monumental da sede do Executivo estadual é o principal monumento erguido no espaço simbólico da Praça dos Girassóis, pela sua função simbólica, monumentalidade e visibilidade. Situado no centro da Praça, em relevo superior por determinação do primeiro governador, o palácio deveria ser visto pelos quatro cantos da cidade. Autores como Reis (2011), Anjos (2017) e os próprios arquitetos do projeto, Alfredo Antunes e Luiz Fernando Cruvinel, afirmam que Siqueira Campos interferiu na localização do Palácio Araguaia, exigindo que este fosse construído “no topo daquele morro”, parte, portanto, mais elevada do espaço.

O edifício do Palácio Araguaia Governador José Wilson Siqueira Campos, além de possuir ampla visibilidade para quem perpassa pelas duas principais avenidas da cidade, também dispõe de escala e acessibilidade amplas, como já apontadas. O Palácio do Araguaia, projetado pelos arquitetos Maria Luci da Costa e Ernani Vilela, apresenta grandes arcos na entrada principal, nas laterais e na saída do edifício, que fazem referência à estrutura da Igreja Nossa

Senhora dos Pretos, situada em Natividade, TO. Além disso, na parte superior do edifício, há um conjunto de 144 placas que compõem o monumento denominado por as Frisas. Acerca desse edifício monumental, Cavalcante (2003, p. 44) argumenta que:

No Palácio do Araguaia – primeira construção pública do Governo do Tocantins, e expressão concreta do autogoverno do Norte goiano -, parte do discurso está transcrito em marco de concreto, em posição de destaque, logo à frente do edifício, sacralizada como monumento simbólico, como uma ponte que intersecciona o tempo histórico dos anos 20 do século XIX à década de 80 do século XX, e como um testamento para novas gerações [...].

No interior do Palácio, encontram-se: a Rosa dos Ventos, que representa o centro geodésico do Brasil², situado no Hall de entrada do Palácio; além dos imponentes painéis de lutas e conquistas instalados em 18 de março de 2002 e em outubro de 2002 respectivamente, estes que narram a história do Tocantins, outrora parte do antigo norte goiano; bem como vitrais com temática religiosa católica que representam “a visita dos três reis magos ao menino Jesus e o Batismo no Rio Jordão” (Tocantins, 2013, p.10) (Figuras 4 e 5).



Figura 4. Palmas. Palácio Araguaia: Painel de Lutas. Fonte: Washington Luiz, 2021. Acervo público do governo do Tocantins, 2021.

² A narrativa de que a cidade de Palmas e, conseqüentemente, a Praça dos Girassóis, são o centro geodésico do Brasil não é uma afirmação científica; no entanto, tal fato foi amplamente divulgado durante as gestões do primeiro governador do Estado. O monumento que representa o centro do Brasil é, portanto, mais um elemento para reforçar o poder territorial dessa nova unidade federativa. Assim, o centro geodésico e a rosa dos ventos podem ser interpretados como um marco histórico no estado do Tocantins e em sua capital, considerando a centralidade geográfica de Palmas em relação às outras capitais do Brasil, mas não como um fato cientificamente comprovado.



Figura 5. Palmas. Palácio Araguaia: Vitrais religiosos. Fonte: SECOM, 2019. Acervo público da Secretária de Comunicação do Estado do Tocantins.

Acima do monumento frisas, localizado na fachada superior do edifício, está o brasão do Estado do Tocantins. O Palácio do Araguaia possuía também os frontispícios, duas grandes esferas douradas na parte superior do edifício, feitas pelo artista Maurício Bentes e chamadas popularmente de “bolas de Siqueira”, que foram removidas em outubro de 2006 (Figuras 6) (Silva, 2010).



Figura 6. Palmas. Palácio Araguaia com os Frontispícios. Fonte: João Di Pietro, 2011. Acervo do público do Estado do Tocantins.

Anjos (2019) faz alguns comentários sobre os frontispícios. As esferas foram instaladas a partir dos anos 2000 e inauguradas em 2002, na terceira gestão do governador José Wilson Siqueira Campos. Em outubro de 2006, as esferas

foram removidas da fachada principal do Palácio Araguaia na gestão do ex-governador Marcelo de Carvalho Miranda. A remoção do monumento provocou insatisfação de parte da população e de políticos, resultando em uma ação no Ministério Público do Estado. Conforme Anjos (2019, p. 264), a ação foi protocolada pela “ex-presidente da Funcult, Kátia Rocha, que pedia uma justificativa para a retirada dos frontispícios do Palácio Araguaia e que não se movesse nenhum outro monumento da Praça dos Girassóis”.

É importante enfatizar que as autoridades governamentais não apresentaram qualquer justificativa documentada para a remoção dos frontispícios, o que suscitou significativa insatisfação pública. Em data de 29 de janeiro de 2010, o periódico “Conexão Tocantins”³ veiculou uma nota informativa que relatava a redescoberta das esferas ornamentais anteriormente instalados no Palácio Araguaia. O mencionado artigo esclareceu que as duas esferas metálicas, retiradas de sua localização original em 2006, permaneceram desaparecidas até aquele momento, sendo eventualmente localizadas em uma residência de madeira.

Cumprido ressaltar que a busca por esses monumentos foi conduzida pela Casa Militar, resultando na localização de fragmentos de metal distribuídos em dois compartimentos distintos. Contudo, o processo de identificação das partes que compunham os frontispícios revelou-se ineficaz, deixando uma incerteza quanto à reconstrução completa das estruturas ornamentais. A matéria jornalística salientou que a desmontagem das esferas ocorreu sem a devida observância das práticas de conservação e manuseio apropriadas.

Sobre a retirada de monumentos, a pesquisadora Giselle Beiguelman discute o impacto dessas ações como uma forma de apagar memórias. Desse modo, circunscreve que “ao mudar de lugar, os monumentos perdem a escala e, em diversos casos, perdem também sua carga simbólica, seja naquilo que representam oficialmente, seja mais cognitivamente, do ponto de vista afetivo e como referência do sujeito no espaço urbano” (Beiguelman, 2020, p. 16).

No contexto dos frontispícios, torna-se clara a manifestação de uma disputa política pela representação, por simbolismo e por controle do espaço. Enquanto uma administração governamental instala monumentos durante seu mandato

³ Frontispícios que adornavam o Palácio Araguaia são encontrados. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2010/01/29/frontispicios-que-adornavam-o-palacio-araguaia-sao-encontrados> Acesso em: 18 set. 2023.

com o propósito de eternizar seus feitos, outra gestão subsequente, por sua vez, opta por retirá-los, destruí-los ou ocultá-los, engendrando, assim, uma reinterpretação do espaço simbólico. Essas deslocções de monumentos efetivamente resultam em um tipo de “exílio” da memória ou na implantação de políticas de obliteração intencional.

Nesse contexto, monumentos que são removidos e abandonados, como as esferas douradas, acabam por se tornar verdadeiros “monumentos sem-teto”, ou seja, desprovidos de um local de exposição acessível e visível, relegados a depósitos que se assemelham mais a áreas de descarte. Essa prática de conceber monumentos e aloca-los em espaços públicos, bem como a decisão de removê-los, está intrinsecamente vinculada ao discurso de poder, o qual dita “o que é permitido ser visto e o que pode ser dito sobre aquilo que é visto”, implicando, por conseguinte, o controle sobre o direito à memória do espaço público (Beiguelman, 2020, p. 16).

Em substituição aos Frontispícios, instalou-se o Brasão de Armas do Estado do Tocantins⁴. A obra é de autoria do artista Gilberto França sendo que o brasão da entrada norte foi fixado em setembro de 2011, após quase cinco anos em que a fachada ficou vazia; e o brasão da entrada sul em maio de 2012. Confeccionados em fibra de vidro e ferro, cada brasão mede 5,50 metros e está a 14 metros do solo. Além desses monumentos fixados na parte superior do Palácio, o brasão também está presente no piso institucional da Praça dos Girassóis, na entrada sul da sede do Executivo estadual, medindo 29 metros de altura por 21 metros de largura (Tocantins, 2013).

Entre os monumentos que também foram removidos⁵, destaca-se o Monumento à Lua Crescente (Figuras 7 e 8), edificado durante o governo de

⁴ O Brasão de Armas foi concebido em 1989 pelo heraldista José Luiz de Moura Pereira e possui diversos elementos simbólicos que representam o Estado do Tocantins. O sol presente no brasão simboliza o Estado nascente, denotando sua promissora e fecunda ascensão. Os traços brancos presentes no brasão representam a paz divina que impera na terra tocaninense. A cor amarela é uma referência ao solo rico do Tocantins. As faixas azuis, orientadas para cima, simbolizam os rios Araguaia e Tocantins, importantes recursos naturais da região. A estrela de cinco pontas no brasão representa a condição do Estado do Tocantins como parte integrante da Federação Brasileira. A coroa de louros presente no brasão é um reconhecimento ao valor dos tocaninenses que transformaram o sonho de autonomia em uma realidade. No brasão, também está gravada a data “1 DE JAN 1989”, marcando o momento em que o Estado do Tocantins foi efetivamente estabelecido. Além disso, em língua Tupi-Guarani, encontra-se a frase “CO YVE ORE RETAMA”, que se traduz como “Esta terra é nossa,” destacando a importância histórica e a identidade do território tocaninense (Tocantins, 2013).

⁵ Salienta-se que em 2015 foi instalado na Avenida Teotônio Segurado o Monumento União e Força, que possuía 15 metros de altura e 5 metros de largura, criado pelo

Moisés Nogueira Avelino e removido⁶ em 1995, quando José Wilson Siqueira Campos foi eleito para seu segundo mandato como governador do Estado. De acordo Anjos (2017, p. 147), “o monumento foi inaugurado em 1991, quando o [então] presidente Fernando Affonso Collor de Melo visita o Tocantins pela segunda vez e, na ocasião, também recebe a comenda de Ordem de Mérito – Grã-Cruz”.



Figura 7. Palmas. Morador do Povoado do Canela com sua viola de Buriti, sentado no Monumento à Lua Crescente. Fonte: João Di Pietro, 2011. Acervo do público do Estado do Tocantins.

engenheiro Hebert Veras. O monumento era composto por um círculo e uma lança e foi instalado para homenagear a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Contudo, este monumento também foi removido da cidade em 2017, dois anos após sua fixação (Palmas, 2015; Bonatto, 2019).

⁶ “Na gestão do governador Moisés Avelino, foi instalado o monumento à lua crescente, caracterizado pelo entrelaçamento de três meias-luas, evocando o conceito holístico, bastante comum à população... O monumento foi retirado, então, pelo governador Siqueira Campos, porque foi implantado quando o ex-presidente Fernando Collor de Mello esteve aqui, mas depois que ele caiu **associaram a lua ao C de Collor e derrubaram o monumento**” (Silva, 2010, p. 69 -70, grifo nosso).



Figura 8. Palmas. Monumento à Lua Crescente retirado da Praça dos Girassóis.
Fonte: Anjos, 2017.

O MONUMENTO AS FRISAS

O monumento em questão, composto por um total de 144 placas, se sobressai como a obra com o maior número de peças entre todas as localizadas na Praça dos Girassóis. Essas placas têm a função de narrar a história abrangente do estado do Tocantins, desde períodos geológicos até os eventos que culminaram na realização da primeira missa que marcou a implantação da capital tocantinense.

As placas, conhecidas como frisas, são criações do renomado artista plástico Maurício Bentes. Elas foram elaboradas com resina reforçada com fibra de vidro, o que resulta em figuras esculpidas em alto relevo. As dimensões das peças são variadas, sendo a maioria delas com medidas de 2 metros de comprimento e 2,60 metros de altura. No entanto, é importante destacar que o acervo também inclui placas mais extensas, com mais de 4 metros de comprimento e 1,15 metros de altura. A disposição das placas segue uma ordem cronológica cuidadosa, começando no pórtico central da entrada norte e seguindo à direita, circundando todo o Palácio. Das 144 peças, cinquenta e seis delas retratam cenas históricas que abrangem desde a chegada dos exploradores europeus até o processo de catequização dos povos indígenas, além da expansão da pecuária, da exploração do ouro, da vida nos arraiais, das lutas políticas, dos conflitos armados e outras importantes transformações que moldaram o território tocantinense ao longo da história (Tocantins, 2013).

Chama atenção o número de placas que fazem alusão ao primeiro governador do Estado e suas realizações em prol da emancipação do Tocantins. Das 144

frisas dispostas no monumento, José Wilson Siqueira Campos é representado em pelo menos 11 delas. Em uma dessas placas, há uma referência a um momento específico da vida de Siqueira e de sua família: a chegada deles à Vila de Colinas de Goiás, no Município de Tupiratins – GO, em 10 de julho de 1963. Nesse contexto, a placa descreve como Siqueira chegou acompanhado de sua esposa, Dona Aureny, e seus filhos, José Wilson, José Eduardo, Regina, Stela, Thelma e Ulemá, transportando sua mudança na carroceria de um caminhão (Villas Boas, 2002).

Quando as frisas foram concebidas, a nova capital ainda estava em processo de desenvolvimento territorial. No que diz respeito a monumentos que retratam figuras políticas, Corrêa (2018) argumenta que essas construções são elaboradas com base em um projeto ideológico, e, portanto, têm uma dimensão política. Dessa maneira, ao representar personagens reais ou fictícios nos edifícios monumentais, cria-se a possibilidade de que esses personagens sejam percebidos como “pais fundadores” ou heróis que personificam atributos pelos quais todos devem se guiar. Em um curto espaço de tempo, esses símbolos passam a representar ideais regionais, que podem ser disseminados por meio do discurso e da simbologia.

Além das frisas que retratam a trajetória de José Wilson Siqueira Campos, existem também placas que fazem referência a diferentes aspectos históricos e culturais do território tocantinense. Estas incluem representações de fósseis de animais, remetendo ao período geológico da região, bem como as expedições portuguesas que adentraram o território do norte goiano. Além disso, as placas abordam a miscigenação entre os povos colonizadores e indígenas, as missões religiosas lideradas pelo padre capuchinho francês Yves d’Evreux, que tinham como objetivo catequizar os indígenas locais. Outros elementos representados nas placas incluem o ciclo da mineração, a presença de negros escravizados na região e figuras, como o escravocrata Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como o Anhanguera, e Joaquim Teotônio Segurado, que inicialmente ocupou o cargo de Ouvidor-Geral da Capitania de Goiás na antiga capital, Vila Boa (Goiás Velho), e posteriormente tornou-se Desembargador da Comarca de Goiás, entre outros (Silva, 1996; Villaboas, 2002) (Quadro 1).

Quadro 1. Palácio Araguaia. Monumentos Frisas – Placas principais e suas representações mais notórias.

PERSONAGENS RETRATADOS	QUANTIDADE DE PLACAS (FRISAS)
Escravidados	2
A Era Mesozoica	2
Ícones Religiosos	6
Invasores Europeus	4
Indígenas	6
José Wilson Siqueira Campos	11
Outros personagens	30

O PRIMEIRO-CONSTRUTOR: SIQUEIRA CAMPOS COMO IDEALIZADOR

Todos os edifícios monumentais citados e os ornamentos que compõem esses edifícios são datados de um período recente. As construções dessas edificações se deram principalmente durante as três primeiras gestões governamentais de José Wilson Siqueira Campos, respectivamente entre os anos de 1989-1991, 1995-1998 e 1999-2002. O GRUPOQUATRO – Projetos de Arquitetura e Urbanismo, empresa contratada por Siqueira Campos, edificou boa parte desses edifícios, juntamente com os arquitetos associados, como Ernani Vilela e Maria Luci da Costa, responsáveis pelo projeto do Palácio Araguaia; Luiz Fernando Teixeira Cruvinel, Manoel Balbino de Carvalho Neto, Maria Esther Souza, Roberto Lecomte, Thirza Pacheco, Mônica Tormin Crosara, responsáveis pelo projeto do Palácio da Justiça Rio Tocantins e o do Palácio Deputado João D’Abreu.

Contudo, o idealizador político desses edifícios monumentais na última capital planejada no século XX foi José Wilson Siqueira Campos. Portanto, é imperativo que façamos uma breve contextualização sobre a trajetória política de Siqueira.

O nordestino José Wilson Siqueira Campos, nascido em Crato - Ceará, em 1º de agosto de 1928, começou sua carreira como seringueiro na região amazônica e, em 1963, mudou-se para o norte de Goiás, onde deu início à sua jornada política. Em 1965, foi eleito vereador pelo município de Colinas do Norte, atualmente conhecido como Colinas do Tocantins. Naquela época, ele estava afiliado ao partido ARENA - Aliança Renovadora Nacional, que representava os interesses militares durante o período da ditadura militar no

Brasil, que abrangeu os anos de 1964 a 1985. Em 1971, Siqueira Campos ascendeu ao cargo de Deputado Federal e manteve-se nessa função por cinco mandatos consecutivos. Durante esse período, desempenhou um papel fundamental na articulação política visando à divisão do Norte de Goiás e à criação do Estado do Tocantins. Ele apresentou três projetos de lei para concretizar a formação desse novo estado, tornando-se uma figura histórica e influente nesse processo emancipatório (Reis, 2011; Anjos, 2017).

Quadro 2. Palmas: Principais edifícios monumentais.

Edifícios Monumentais	Ano de Construção	Governador em exercício
Palacinho	1989	José Wilson Siqueira Campos (1989-1991)
Edifício da Prefeitura de Palmas	1990	José Wilson Siqueira Campos (1989-1991)
Palácio Araguaia	1991	José Wilson Siqueira Campos (1995-1998)
Tribunal de Justiça - Palácio da Justiça Rio Tocantins	1995	José Wilson Siqueira Campos (1995-1998)
Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins - Palácio Deputado João D'Abreu	1995	José Wilson Siqueira Campos (1995-1998)
Edifício do Espaço Cultural	1996	José Wilson Siqueira Campos (1995-1998)
Tribunal Regional Eleitoral	2001	José Wilson Siqueira Campos (1999-2002)
Memorial Coluna Prestes	2001	José Wilson Siqueira Campos (1999-2002)

Fonte: Tocantins, 2013.

A contribuição política de José Wilson Siqueira Campos na fundação do Estado do Tocantins e na concepção de sua capital transcendeu a mera formalização de um projeto escrito, manifestando-se de maneira eloquente através de decisões e direcionamentos pessoalmente determinados por ele. Não é sem razão que a principal praça simbólica da cidade, a Praça dos Girassóis, ostenta monumentos que retratam sua história pessoal esculpida em pedra, perpetuando-a.

Em relação aos edifícios previamente mencionados, todos eles foram erguidos sob sua administração (conforme indicado no Quadro 2 e 3), com a exceção do Edifício do Espaço Cultural.

Quadro 3. Gestões Governamentais do Estado do Tocantins e seus representantes.

Governador	Período de Gestão	Filiação Partidária	Observações
José Wilson Siqueira Campos	1989 – 1991	PFL	-
Moisés Nogueira Avelino	1991 – 1995	PMDB	-
José Wilson Siqueira Campos	1995 - 1998	PDC	-
Raimundo Nonato Pires dos Santos	1998 - 1999	PDC	-
José Wilson Siqueira Campos	1999 – 2003	PFL	-
Marcelo de Carvalho Miranda	2003 - 2007	PMDB	-
Marcelo de Carvalho Miranda	2007 – 2009	PMDB	Reeleito e cassado
Carlos Henrique Amorim	2009 – 2011	PMDB	Eleito indiretamente
José Wilson Siqueira Campos	2011 – 2014	DEM	Renunciou, assumindo Sandoval Cardoso
Sandoval Cardoso	2014	SD	-
Marcelo de Carvalho Miranda	2015 – 2018	PMDB	Cassado
Mauro Carlesse	2018 – 2022	PSL	Renunciou, assumindo Wanderlei Barbosa
Wanderlei Barbosa Castro	2021	Republicanos	Eleito em 2022 para o mandato de 2024 – 2026. Afastado do cargo em setembro de 2025.

Fonte: Jornal O Estado do Tocantins, 2023.

Contudo, é importante ressaltar que, embora não tenha sido concebido por Siqueira Campos, esse monumento foi edificado durante o mandato municipal de Eduardo Siqueira Campos, filho do primeiro governador (conforme detalhado no Quadro 4).

Quadro 4. Gestão Municipal de Palmas, TO.

PREFEITOS	PERÍODO DE GESTÃO	FILIAÇÃO PARTIDÁRIA
Fenelon Barbosa	1989 - 1992	PFL
Eduardo Siqueira Campos	1993 - 1996	PPB
Odir Rocha	1997 - 2000	PPB
Nilmar Ruiz	2001 - 2004	PFL
Raul Filho	2005 - 2008	PT
Raul Filho	2009 - 2012	PT
Carlos Amastha	2013 - 2016	PP
Carlos Amastha	2017 – 2018*	PP
Cinthia Ribeiro	2018 - 2020	PSDB
Cinthia Ribeiro	2021 - 2024	PSDB
Eduardo Siqueira Campos	2025 - 2028	PODE
*Deixou o cargo, após 1 anos e três meses, assumindo sua vice, Cinthia Ribeiro.		

Fonte: Prefeitura de Palmas, 2023.

Com essas ações, a figura de Siqueira Campos ganha contornos poderosos que o consagra como o primeiro construtor, conforme apontado por Reis (2011, p. 109), para quem “a denominação de pioneiro-construtor vem sendo cotidianamente moldada desde o nascimento de Palmas, intensificada e estimulada nos monumentos da cidade, nos prédios públicos, escolas, museus, hino, citações e aparições na mídia local”. É por meio desses atos que o nome do primeiro governador é espacializado por toda a capital tocantinense e, conseqüentemente, por todo o Estado. Isso ocorre em virtude dos edifícios monumentais, que configuram um conjunto simbólico de estratégias políticas vinculadas às administrações de um único líder político. Nesse contexto, esses monumentos conferem legitimidade a toda uma estrutura de poder que está associada a elas (Corrêa, 2018). No caso de Palmas, não há como desassociar a figura do líder político Siqueira Campos da construção dos principais monumentos da cidade, tendo em vista que:

A relação entre mito, poder e estética é oportuna para pensarmos na construção da imagem e cidade de Palmas, porque é impossível dissociá-lo do seu ‘idealizador’, mesmo que haja diversas críticas em relação às posturas assumidas, o seu nome está inscrito na criação/construção da cidade. A atuação do Siqueira Campos compareceu em todas as falas e por mais força que a ideia da cidade como uma criação coletiva tenha adquirido, não é possível divorciá-la do caráter personalista que esta adquiriu, gerando inclusive equívocos interpretativos pela inscrição imaginária que esta bricolagem apresenta (Silva, 2008, p. 198).

Portanto, quando se aborda a concepção de monumentos por parte de um líder do Poder Executivo, é possível refletir sobre o sentido político subjacente a essas representações simbólicas e seu impacto no âmbito estadual. Nesse contexto, Corrêa (2018) enfatiza que os monumentos, palácios e edifícios podem conter significados e polivocalidades, isto é, “representações sujeitas a diferentes significados” (Corrêa, 2018, p. 224). Nesse contexto, a cidade de Palmas assume a forma de uma composição textual suscetível de ser interpretada, questionada e submetida à análise. Adicionalmente, os edifícios monumentais, enquanto emblemas do exercício do poder e das administrações governamentais, posicionam-se estrategicamente em pontos-chaves do tecido urbano. Esse arranjo resulta de uma política de inserção que leva em consideração os objetivos dos seus idealizadores, as dimensões dos edifícios monumentais, bem como a sua visibilidade e a sua acessibilidade.

CIDADE ARTEFATO E HISTÓRIAS EM PEDRAS

Desde tempos remotos, os monumentos têm constituído elementos integrantes da paisagem urbana das cidades. Na qualidade de representações do poder, líderes, governantes, monarcas e líderes autoritários têm empregado essas manifestações simbólicas tanto para validar seus desejos como para destacar a extensão de sua autoridade. É nesse aspecto que a cidade se torna um artefato, visto que:

A cidade é coisa feita, fabricada. Artefato, no sentido mais genérico, é um segmento da natureza física socialmente apropriado, isto é, ao qual se impôs, segundo padrões sociais, uma forma ou uma função ou um sentido (seja conjuntamente, seja isoladamente ou em diversas combinações) [...] à cidade tratada como artefato complexo: é a história dos padrões locacionais, das configurações topográficas, dos traçados urbanos e das formas arquitetônicas, dos arranjos espaciais, das estruturas, equipamentos, infinitos objetos. Mas tal artefato não se gerou numa atmosfera abstrata: foi produzido no interior de relações que os homens desenvolvem uns com os outros (Meneses, 2006, p. 36).

Alois Riegl, em sua obra “O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem”, elabora uma rica síntese que perpassa a evolução histórica dos monumentos desde a antiguidade até a atualidade. Nesse contexto, de acordo com o autor mencionado, os monumentos são concebidos como estruturas destinadas a eternizar o passado, com essa perpetuação sendo alcançada através de expressões nas artes plásticas, obras arquitetônicas, edificações, esculturas e inscrições, que são transmitidas ao espectador.

O autor inicia abordando que o monumento num sentido mais amplo pode ser entendido como uma obra de arte ou de escrita. Nesse aspecto, tal sinalização

está em consonância com o pensamento de Le Goff (1990), quando este apresenta os documentos escritos, coleções de documentos, principalmente até o século XIX, como monumentos. Por outro lado, Riegl (2014) categoriza os monumentos em classes, sendo elas: monumentos volúveis/volitivos, isto é, obras arquitetônicas que foram idealizadas com finalidade de virem a ser monumentos. De modo geral, essas obras arquitetônicas foram edificadas inicialmente como ato de homenagear algum fato ou alguém, “que deveriam lembrar um determinado momento (ou vários momentos) do passado” (Riegl, 2014, p. 38). Os idealizadores dessas obras elaboram, com fito proposital, edificações que preservam memória e significado. Dessa forma, são construções planejadas e perpassam pelo tempo histórico pela sua durabilidade. Exemplos disso são as construções monumentais edificadas durante a Idade Média, na qual o valor intencional dos monumentos estava relacionado a atos comemorativos e que deveriam ser rememorados.

Já os monumentos não volúveis, ou monumentos não volitivos, são obras concebidas sem necessariamente existir uma intenção de valor ou de significado. Por outro lado, essas obras tornam-se monumentos devido aos valores históricos que os sujeitos remetem a ele e às mudanças espaciais. Constrói-se, então, um valor de memória que “não é relacionado à obra no seu estado de criação, mas à representação do tempo transcorrido desde sua origem e que revela os traços da antiguidade” (Riegl, 2014, p. 37). Assim, no período da Renascença, por exemplo:

[...] dentro de seu espírito de valorização da Antiguidade clássica, os monumentos são considerados a partir de seu valor artístico e histórico. Pode-se dizer que a intencionalidade, ou fato gerador da obra perde importância para o fato em si. Mais ainda, neste momento, estas obras são assumidas como cânones artísticos, o que passaria a vigorar então seria o valor não intencional. Os monumentos não intencionais teriam permanecido dado que seu significado é determinado não por aqueles que o fizeram, mas por quem o percebe, desvinculado de seu sentido original, atribuindo uma outra significação, incorporando-o na memória de seu tempo (Romeiro, 2012, p. 62).

Dessa forma, monumentos não volúveis adquirem significados monumentais devido à importância histórica e cultural. É, portanto, uma modificação não planejada, mas, sim, natural, através de mudanças sociais e políticas que os cercam. Riegl (2014), portanto, esclarece que nem toda obra edificada é construída com a intenção de se tornar monumento, mas que a alteração nesse status conceitual é devido a processos históricos subjetivos. Na antiguidade e na Idade Média, por exemplo, predominaram os monumentos volúveis como

forma de expressão dessa concepção memorial. Também no “Oriente antigo, os monumentos eram principalmente volúveis por indivíduos, ou famílias, enquanto à época dos gregos e dos romanos apareceu o monumento patriótico, que desde o início foi colocado sob a proteção de grandes associações de interesse” (Riegl, 2014, p. 39). Essa proteção garantiria, portanto, a durabilidade e a permanência desses monumentos para o futuro e para memória de um grupo social, de uma cidade ou de um Estado, o que torna esses monumentos como indestrutíveis e imperecíveis.

O historiador britânico Richard John Evans (2011) ponderou sobre o uso da arte alemã e a construção de monumentos durante a República de Weimar (1919-1933) e posteriormente durante a ascensão do regime nazista sob Adolf Hitler. É importante destacar que durante o período da República de Weimar a Alemanha vivia uma época conturbada, tanto no cenário político quanto no social. Esse período propiciou novos experimentos para as classes artística e cultural, destacando-se o movimento expressionista e modernista na arte alemã. A gestão de Weimar promovia liberdade criativa e diversidade cultural para a classe artística. No entanto, com a ascensão do regime nazista sob a liderança de Adolf Hitler em 1933, ocorreu um rompimento dessa liberdade artística.

Nesse cenário, o regime nazista transformou o aspecto artístico e utilizou a arte como uma ferramenta de propaganda e controle social, o que se refletiu na perseguição aos escultores da época e na construção de monumentos denominados “arte alemã autêntica”. É importante ressaltar que durante esse período o desejo de construir monumentos que expressassem a ideologia nazista era essencial como uma demonstração de poder. Nesse contexto, artistas tornaram-se contratados oficiais do Estado, como Arno Breker, que foi nomeado “escultor oficial do Estado” durante o “aniversário de Hitler em 1937 e recebeu um estúdio enorme com 43 empregados para ajudá-lo no trabalho” (Evans, 2011, p. 232).

[...] arte devia refletir a alma racial do povo. A ideia de que a arte era internacional deveria ser rejeitada como decadente e judaica. Ele condenou o que via como expressão disso “no culto ao primitivismo cubista-dadaísta” e no bolchevismo cultural e anunciou em vez disso “uma nova Renascença artística do ser humano ariano” (Evans, 2011, p. 233).

Nesse aspecto, durante esse período, a idealização de monumentos passou a ser concebida com finalidade puramente política e ideológica. Com o propósito específico de servir como testemunho da afirmação de poder, diversos edifícios

públicos e monumentos foram concebidos e construídos durante o período nazista.

O representante do partido nazista era um grande adepto e entusiasta da arquitetura como expressão de poder. Observa-se que, ideologicamente, a arquitetura da cidade se modificava juntamente com o cenário político. Isso demonstra que os discursos de poder da época eram, em certa medida, petrificados, ou seja, a autoridade do governante transformava-se em pedra, garantindo, conseqüentemente, a durabilidade histórica de seus atos e ações. Nesse contexto, prédios foram demolidos para dar lugar a novas construções que representassem os anseios da época. Evans (2011) relata a substituição da antiga sede do Partido, a Casa Parda, que posteriormente deu lugar a um imenso edifício monumental do líder nazista e a um enorme edifício da administração.

Por trás de toda narrativa que envolve o desejo do próprio Hitler para a construção desses edifícios, destaca-se a historicidade e a permanência de seus atos na história e na memória das futuras gerações, tendo em vista que essas construções perduraram ao longo do tempo cronológico e estão presentes até o tempo vigente, possibilitando, assim, a perpetuação do legado do líder autoritário político, mesmo depois que este não estava mais em cena.

Do ponto de vista histórico, observa-se que o espaço urbano de uma cidade é moldado de acordo com os objetivos e aspirações de seus líderes políticos. Construções monumentais, edifícios, praças públicas, estátuas e outros elementos simbólicos têm sido e continuam a ser concebidos como componentes destinados a enriquecer o ambiente urbano. Como evidenciado, esses elementos podem ser planejados com a intenção de se tornarem monumentos, mas também é possível que algumas construções sejam erigidas sem essa finalidade explícita. No entanto, ao longo do tempo histórico e em relação às interações sociais com essas edificações, significados e atribuições são fornecidos a elas, transformando-as em verdadeiros monumentos. Assim, as cidades se transformam em artefatos que incorporam em sua dimensão estética a história de ações, eventos e personalidades que estão perpetuados em pedra. Esse fenômeno ocorreu na antiguidade, na modernidade e continua a se manifestar na atualidade.

ALTERAÇÕES E REIVINDICAÇÕES AO FIM DE UMA ERA: A MORTE DO SR. TOCANTINS

A influência de José Wilson Siqueira Campos no traçado urbano da capital tocaninense é manifesta e inegável. Seus anseios e ideologias sobre como a cidade iria se formar foram atendidos e estabelecidos estrategicamente ao longo de suas gestões. Considera-se, portanto, que o conjunto de artifícios construídos ao longo de suas gestões como governador garante a durabilidade do nome e dos atos de Siqueira. Essa durabilidade apresenta-se principalmente pela relevância política que o primeiro governador detém até a atualidade.

Destaca-se que sua predominância política foi reforçada ainda mais em 2023, ano em que José Wilson Siqueira Campos veio a óbito. No dia 4 de julho de 2023, José Wilson Siqueira Campos faleceu na capital tocaninense, aos 94 anos, após não resistir a uma infecção generalizada.

Sua partida foi bastante noticiada pelos jornais locais, nacionais e pelas redes sociais. Algumas notas informativas destacavam a relevância política de Siqueira para a criação do Estado do Tocantins. O site da Câmara dos Deputados e do Senado de Brasília escreveu no dia 05 de julho de 2023 a seguinte nota: *“Morre Siqueira Campos, ex-deputado, ex-governador e idealizador do estado do Tocantins (grifo nosso)”*. O portal G1-Tocantins destacou: *“Morre Siqueira Campos, governador e criador do Tocantins, aos 94 anos (grifo nosso)”*. O Jornal Nacional, da Rede Globo, um dos maiores telejornais do país, noticiou uma matéria com a chamada *“Siqueira Campos, criador do estado do Tocantins, morre aos 94 anos”*. Outros sites de notícia também noticiaram a partida do primeiro governador, como CNN Brasil, Exame, Carta Capital, UOL. Todos trouxeram como título das matérias a figura de Siqueira Campos como idealizador, criador, fundador do estado do Tocantins.

Na esfera das redes sociais, a partida de Siqueira Campos suscitou expressiva atenção e engajamento, com cidadãos tocaninenses e figuras políticas de todo o país demonstrando solidariedade e prestando homenagens póstumas. A ex-senadora e ex-ministra da Agricultura, Kátia Abreu, utilizou sua plataforma nas redes sociais para registrar: *“Exemplo de coragem e audácia: Siqueira Campos, o criador do Tocantins”*. O governador do estado de Goiás, Ronaldo Caiado, também fez eco a esses sentimentos na mesma plataforma, ao lamentar a perda de Siqueira e proferir: *“Hoje, perdemos uma destacada*

liderança política. Siqueira Campos governou e foi um dos visionários responsáveis pela concepção do estado do Tocantins [...]”. Por sua vez, o governador do Maranhão, Carlos Brandão, expressou seu pesar ao afirmar: “Manifesto meu luto pelo falecimento, aos 94 anos, do ex-governador de Tocantins, Siqueira Campos, o idealizador do estado [...]”. O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, também se uniu a esse coro de solidariedade e declarou: “Recebi com profunda tristeza a notícia do falecimento do governador Siqueira Campos, que desempenhou um papel proeminente na defesa dos estados brasileiros durante a Assembleia Constituinte e liderou o movimento pela criação do estado do Tocantins [...]”.

Simbolicamente, o velório do primeiro governador ocorreu no Palácio Araguaia, localizado na Praça dos Girassóis, e contou com a presença de populares e autoridades políticas. Por outro lado, a missa de corpo presente foi celebrada em frente ao Palácio Araguaia. Numerosas pessoas prestaram homenagens, apresentando flores de girassol como símbolo marcante que permeou a trajetória de Siqueira e que é amplamente reconhecido como um emblema identitário da capital. Ademais, as flores de girassol adornaram o caixão de Siqueira, fortalecendo ainda mais a construção simbólica do girassol como um ícone representativo da cidade de Palmas e do estado do Tocantins, processo que se desenvolveu ao longo das gestões de Siqueira. O próprio governador, ao longo de sua vida, enfatizava como o girassol era um símbolo da capital. Em uma entrevista concedida à TV ANHANGUERA, afiliada da Rede Globo, Siqueira explicou por que os girassóis são um símbolo da capital e o motivo pelo qual a praça recebe o nome de Praça dos Girassóis:

“Eu fui visitar a Terra de Teotônio Segurado, que fica além do rio Tejo. Até os dias de hoje, encontram-se vastas plantações de girassóis na região, e eu tenho um grande apreço por essa flor, porque o girassol representa algo como o símbolo da prosperidade para todos. Além disso, temos uma comprovação de que Tocantins e o girassol estão conectados há muito tempo. Isso ocorreu quando um auditor do Tribunal de Contas foi a Goiás durante suas férias, às margens de um rio próximo a uma serra que, na última figura, assemelha-se a um cachorro de cócoras. Enquanto ele estava tomando banho ali, pisou em uma pedra que ele julgou ser diferente das outras. Em seguida, mergulhou e a recuperou. Esta é a pedra que vou lhe mostrar agora; você entenderá que havia algo nos guiando para isso... Observe como ela é perfeita. O jovem a encontrou às margens da Serra do Cachorro de Cócoras. Veja o outro lado dela para que você possa apreciá-la melhor; o valor dela é tão significativo que, se eu tivesse um diamante nas mãos, poderia pensar em vendê-lo, mas esta pedra é única. Pode chegar aqui e oferecer dez milhões, mas eu não a entregaria... é um fóssil, e se você a dividir, verá o interior com a figura de um girassol (Campos, 2016, Entrevista ao G1 TOCANTINS).

A rocha (Figura 9) entregue a Siqueira Campos pelo auditor e encontrada na Serra do Cachorro de Cócoras, no Município de Goiatins, foi a clareza para que o primeiro governador acreditasse que a flor do girassol era uma planta presente na região em períodos muito anteriores à criação do Estado (Bessa, et. al, 2017). Dessa forma, tem-se o girassol como um elemento simbólico poderoso quando associado à criação da última capital planejada do século XX e ao político José Wilson Siqueira Campos. Esse símbolo também é reificado nos portões do Palácio Araguaia, o qual se encontra repleto de girassóis dourados percorrendo toda a grade de segurança; bem como na fonte luminosa presente na Praça dos Girassóis, uma vez que quando esta fonte é vista do alto, é possível visualizar o formato de um girassol.



Figura 9. Girassol de Pedra: Rocha misteriosa que se tornou símbolo da capital tocantinense e fonte d'água vista do alto com girassol desenhado.
Fonte: SECOM, 2023. Acervo público da Secretaria de Comunicação do Estado do Tocantins.

A presença do girassol também foi massiva nas gestões de Siqueira, durante as quais, ao se percorrer pela cidade palmense, era possível notar as plantações de girassóis nas rotatórias da cidade e canteiros das avenidas, tal ato simbólico é ratificado por outros gestores até os dias atuais (Figura 10).



Figura 10. Palmas. Plantações de Girassóis na Avenida Teotônio Segurado e ao fundo o prédio do Fórum da Comarca de Palmas.
Fonte: Fotografia do acervo dos autores (Wesley Lima, 2024).

No dia do velório do primeiro governador, surgiram especulações acerca da modificação de denominações de vias públicas importantes e edifícios governamentais da capital, a fim de prestar homenagens a esse governante pioneiro. As discussões em torno dessas alterações alcançaram esferas administrativas nos âmbitos federal, estadual e municipal. Já em 05 de julho de 2023 cogitava-se a mudança do nome de uma das principais avenidas da cidade, a Avenida Teotônio Segurado, para Avenida Governador Siqueira Campos. Além disso, contemplava-se a nomeação da ponte em construção sobre o Rio Araguaia, que conectará os municípios de Xambioá (TO) a São Geraldo do Araguaia (PA), em honra ao primeiro governador. Paralelamente, considerava-se a alteração da denominação do Palácio Araguaia para Palácio Araguaia Governador José Wilson Siqueira Campos. Também se projetava a construção de um mausoléu na Praça dos Girassóis, juntamente com a modificação do nome da referida praça (Prefeitura de Palmas, 2023; T1 Notícias, 2023; Agência Palmas, 2023).

No que diz respeito à mudança do nome da Avenida Teotônio Segurado, é relevante destacar que um projeto de lei a respeito dessa alteração já estava em vigor desde 2009, elaborado durante a gestão do prefeito Raul Filho e aprovado pela Câmara Municipal. A Lei municipal N° 1611, datada de 7 de maio de 2009, previa a modificação da denominação da Avenida Teotônio Segurado para Avenida Governador Siqueira Campos, embora, até então, não tivesse sido institucionalizada. No entanto, após o falecimento de Siqueira Campos, as discussões acerca dessa mudança ressurgiram. A prefeita em exercício no ano de 2023, Cinthia Ribeiro (PSDB), declarou sua intenção de resgatar o projeto de lei e efetivar a alteração. Paralelamente, em 18 de julho de 2023, efetivou-se a mudança de nome do Palácio Araguaia para Palácio Araguaia Governador José Wilson Siqueira Campos, por meio da Lei N° 4.201, conforme publicado no Diário Oficial nº 6.373 de 20/07/2023. Da mesma forma, em 8 de maio de 2024, a principal ponte da cidade, que liga Palmas ao município de Luzimangues e até então era chamada de Ponte Fernando Henrique Cardoso, foi renomeada em homenagem ao ex-governador, passando a ser denominada Ponte José Wilson Siqueira Campos, por meio da Lei nº 4.392, sancionada pelo Governador do Estado, Wanderlei Barbosa (Republicanos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que os edifícios monumentais da capital tocantinense, juntamente com os seus símbolos iconográficos inscritos, desempenham um papel significativo na representação do exercício de dominação política sobre o território. Os monumentos abordados possuem uma notável conotação política e ideológica, sendo erigidos em sua maioria durante as administrações de um único líder político. Estes monumentos, por conseguinte, expressam os desejos pessoais e as diretrizes deste líder no que diz respeito à evolução da cidade, bem como à preservação da memória e da identidade de seus habitantes.

Nesse aspecto, são notáveis as práticas que favorecem uma política da memória relacionada a Siqueira Campos e suas ações. As edificações, como os palácios, foram estrategicamente posicionadas em locais proeminentes e de fácil acesso, com o propósito de demarcar o território da cidade de forma ostensiva. Além disso, é notável como José Wilson Siqueira Campos deixou sua marca na construção dos edifícios institucionais da capital, de modo que sua história pessoal e trajetória política estão gravadas em pedra, projetadas para perdurar no futuro e, em certa medida, imortalizadas na historiografia que delinea a fundação do Estado do Tocantins e da cidade de Palmas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado que possibilitou a consolidação desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Ana Carolina Costa dos. *Do girassol ao capim dourado: apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa identitária do Estado do Tocantins*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

BEIGUELMAN, Giselle. Preservação experimental para desinventar a tradição. Memoricidade. *Revista do Museu da Cidade de São Paulo* v.1 - n.1 – Dezembro, 2020, p. 15 – 21. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/98d454e0-9484-4cfc-b581-158118c98f16/preservacao_experimental_para_desinventar_a_tradicao.pdf Acesso em 11 set. 2023.

BESSA, Kelly; OLIVEIRA, Claudia Fernanda Pimentel de Ordem e desordem no processo de implantação de Palmas: a capital projetada do Tocantins. *Geosp – Espaço e Tempo*, v. 21, n. 2, p. 497-517, agosto. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/117161>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BONATTO, Letícia. *Monumentos de Palmas: ou a memória como experiência, gestos e conflitos*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

CAMPOS, Siqueira. *Siqueira Campos mostra pedra misteriosa e conta fatos sobre a criação de Palmas*. G1, TOCANTINS, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/05/siqueira-mostra-pedra-misteriosa-e-conta-fatos-sobre-criacao-de-palmas.html> Acesso em: 27 nov. 2022.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. O discurso autonomista do Tocantins: primeiras manifestações. In: GIRALDIN, Odair. (Org.). *A (trans) formação histórica do Tocantins*. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins, 2004, p. 49-88.

CERBONE, David. *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Caminhos paralelos e entrecruzados*. São Paulo, Editora Unesp, 2018.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Edições 70, Portugal, 2014.

EVANS, Richard John. *O terceiro Reich no Poder: o relato mais completo e fascinante do regime nazista entre 1933 e 1939*. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FIRMINO, Eugenio Pacelli de Moraes. *Ensino de História, Identidade e ideologia: A experiência do Tocantins*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2003.

GRUPOQUATRO. *Projeto da capital do estado do Tocantins: plano básico/memória*. Palmas: Governo do Estado do Tocantins; Novatins, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Wesley dos Santos; BESSA, Kelly Cristine Fernandes de Oliveira. Os significados político-identitários dos edifícios monumentais e das inscrições no chão institucional da Praça dos Girassóis, em Palmas, TO. *Revista Cerrados*, v. 20, n. 01, p. 279–312, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/4929>. Acesso em: 17 set. 2025.

MARCHI, Ligia Betim. *Pontes da passagem: por uma fenomenologia do lugar*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de et al. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. [Debate]. *Patrimônio: atualizando o debate*. São Paulo: IPHAN, 2006. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Magnani_JGC_76_1636193_ACidadeComoBemCultural.pdf. Acesso em: 06 nov. 2023.

PALMAS, Agência. *De Teotônio a Siqueira, gestão presta homenagens a criadores do Tocantins*. 2023. Disponível em: <https://agenciapalmas.com/Noticia/235310/de-teotonio-a-siqueira-gestao-presta-homenagens-a-criadores-do-tocantins> Acesso em 16 de out. 2023.

PALMAS, Prefeitura. *Nome da Avenida Teotônio Segurado será alterado para homenagear Siqueira Campos*, 2023. Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/portal/noticias/nome-da-avenida-teotonio-segurado-sera-alterado-para-homenagear-siqueira-campos/34737/>, Acesso em: 16 out. 2023.

PASTORE, Júlio Barêa. A paisagem original das capitais planejadas do cerrado. *Paisagem Ambiente: ensaios* - n. 30 - São Paulo - p. 45 - 70 – 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77868>. Acesso em: 12 set. 2023.

REIS, Patrícia Orfila Barros dos. *Modernidades Tardias no cerrado: discursos e práticas na história de Palmas – TO (1990 – 2010)*. 2011. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROCHA, Lurdes Bertol. *O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados*. 1. ed. Ilhéus – BA: Editora da UESC, 2003.

RODRIGUES, Jean Carlos. *Estado do Tocantins: Política e religião na construção do espaço de representação tocantinense*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2008.

ROMEIRO, Bráulio. Monumento, tempo e cidade: Robert Smithson em Passaic, Nova Jersey. In: Monteiro, R. H. e Rocha, C. (Orgs.). *Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual Goiânia-GO*: UFG, FAV, 2012, p. 60 – 69. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-16_Monumento_tempo_e_cidade.pdf Acesso em: 22 de set. 2023.

SILVA, Valéria Cristina *Pereira da. Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TOCANTINS. *Secretaria de Estado de Cultura. Tocantins, seus símbolos, seu povo, sua história*. A Praça dos Girassóis. Palmas – TO, 2013.

VILLAS BOAS, Marco. Projeto Frisa. *A História do Tocantins contada em alto relevo nas vigas do Palácio Araguaia*. Academia tocantinense de Letras. Acadêmico Desembargador Marcos Villas Boas, Palmas, 20 de dezembro 2002.

Wesley dos Santos Lima: Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins. Realiza estágio pós-doutoral na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins e graduado em História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Alex Pizzio da Silva: Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pós-doutorado pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Professor Associado, nível IV, da Universidade Federal do Tocantins. Mestre em Ciências Sociais e graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Texto recebido em: 18/07/2025

Texto aprovado em: 24/09/2025